

Exmos Senhores,

Vem desta forma a Formosa - Cooperativa de Viveiristas da Ria Formosa CRL, também dar o seu apoio ao Abaixo-assinado entregue pelos produtores do OLH3. Queremos e pensamos que temos direito a acrescentar algumas questões que nos parecem importantes para a discussão.

Como entidade que acompanhou de perto este problema, tendo dado apoio ao ipma e ajudado na realização das amostras desde o momento em que a zona do Olh3 passou de classificação sanitária C para D, achamos que este problema é grave e está a ser tratado de uma forma demasiado leviana para o nosso gosto. Não se pode deixar, mais de uma centena de produtores, anos à espera de uma solução para um problema com implicações económicas e sociais desta gravidade.

Em 2017, quando a zona foi classificada como C, achou-se que era uma questão de tempo até que as condições e qualidade da água do Olh3 melhorassem. Esperou-se, e em março de 2019 (sensivelmente 2 anos depois) este grupo de produtores recebeu a notícia de que o OLH3 tinha sido classificado como D, tornando totalmente proibida a apanha e comercialização das amêijoas produzidas nos seus viveiros.

Nessa altura reuniram-se todos os interessados com urgência, a pedido

da dgrm e do ipma, tendo sido apresentado um plano por parte das entidades, dando uma nova hipótese à zona em questão, com o argumento do fecho da ETAR Poente. Esse plano foi concretizado. O plano foi executado como suposto, e as análises efectuadas, tendo ficado terminado em agosto de 2019. Desde então que o ipma não faz análises à zona do OLH3, não mantendo assim o histórico de análises necessário para que a zona continue a ser considerada, o que no nosso entender é muito grave e sintomático de que já se sabe qual a solução para este problema. Estamos à espera e assim continuamos, no absoluto vazio de soluções...

Qual será então o futuro do OLH3 e de todos estes produtores que dependem dele? Muitos deles têm só viveiros nesta zona de produção? Quem paga as contas desta gente no final do dia?

Não podemos arrastar este problema pelo tempo, essa não será com certeza a solução! Os produtores estão fartos e têm sido extremamente pacientes com a não resposta ao seu problema. Problema que não foi criado por nenhum deles. Viram-se a par com as suas licenças localizadas numa zona, que tem sido regularmente contaminada com águas sujas, sem que consigam por si, resolver a situação. O tempo passa as soluções não aparecem e já há inclusive casos de produtores roubados. Será vergonhoso por parte das entidades não arranjar solução para o OLH3 antes do fim das licenças em questão, 12 de maio

de 2021! Queremos acreditar que não é essa a intenção.

Na primeira versão do Plano da Aquacultura em Águas de Transição, estavam previstos 50 Hectares potenciais para a realocização destes viveiros. A proposta apresentada no plano foi alvo de vários pareceres contra, pela razão de que identificava a zona de banco natural dos Areais para esse efeito. Hipótese que foi contestada por várias entidades, incluindo a Formosa, que não só a contestou, como também apresentou duas opções viáveis para esse efeito (fig1 e 2). Locais que reúnem consenso, tanto por parte dos interessados como também pela comunidade de viveiristas e geral.



Fig1: Área potencial para realocização dos viveiros do OLH3 – proposta da Formosa.



Fig2: Área potencial para realociação dos viveiros do OLH3 – proposta da Formosa.

As nossas propostas foram completamente ignoradas pelas entidades, que inclusive retiraram da nova versão do Plano de Aquicultura os 50 Hectares potenciais para este efeito. Não era isso o que se pretendia. Pretendia-se sim, que fosse tida em conta área potencial para realocar estas licenças, mas nas zonas consensuais entre os produtores. Isso sim seria uma forma de resolver este problema!

Que fique claro que os 49 Hectares apresentados como potenciais para a aquicultura na nova versão do plano (PaqAT), não é solução para este caso. É unânime, em toda a comunidade de viveiristas, que Licenças caducadas são em 99% dos casos relativas a zonas que já não são produtivas e que são consideradas pelos aquacultores de tudo, menos de potenciais para a Aquicultura! Diríamos ainda que nos parece até desonesto fazer esta proposta,

sendo que esta área é considerada nos quadros deste plano, mas depois, ao analisarmos ao pormenor o geoportal, essas zonas, que supostamente se apresentariam coloridas de amarelo, não são visíveis nos mapas apresentados.

Estamos verdadeiramente frustrados com a não resolução deste problema e precisamos rapidamente respostas. Respostas que nos indiquem que no fim do dia estamos todos a remar para o mesmo lado. Será?

Com os melhores cumprimentos,

A Direcção


